

Museu da Imigração**Coleção de História Oral****Núcleo:** Pesquisa**Projeto:** Deslocamentos Indígenas e Negros em São Paulo**Entrevistada:** Clarice Josivania da Silva (Clarice Pankararu)**País de Origem:** Brasil**Data da gravação:** 01/12/2022**Forma do Documento:** Gravação em vídeo, áudio e transcrição.**Autor da transcrição:** Empresa Audiotext.**Pessoas presentes na gravação da entrevista:** Thiago Haruo Santos e Ana Carolina Falconeris**Local:** Museu da Imigração do Estado de São Paulo**Duração:** 01:38:22**RESUMO**

Clarice Pankararu nasceu no dia 11 de janeiro de 1988, na aldeia Brejo dos Padres, no Estado de Pernambuco. Liderança do povo Pankararu na cidade de São Paulo, no momento da entrevista presidia a Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu, do Real Parque, zona sul de São Paulo. Clarice conta da sua infância e adolescência na aldeia, o processo migratório forçado, que se deu aos 15 anos, os primeiros trabalhos na cidade de São Paulo e seus estudos na universidade. Traz relatos sobre seu envolvimento com o movimento de visibilização e luta por direitos dos povos indígenas em São Paulo. Desenvolveu como tema de pesquisa a saúde indígena, buscando compreender as tensões entre a medicina tradicional e a cultura de seu povo. Em seu relato, surge a reivindicação de reconhecimento dos povos indígenas em contextos urbanos. Durante a entrevista, a liderança pankararu apresenta as festas importantes para seu povo como Menino do Rancho e Corrida do Umbu, além de elementos da cultura material como o praiá, o cachimbo e o maracá.

PALAVRAS-CHAVE: Pankararu, Real Parque, Contexto urbano, migração forçada, liderança.

MUSEU: E, bom. Boa tarde então, hoje é dia 1 de dezembro de 2022. A gente está aqui no Museu da Imigração, entrevistando a Clarice Pankararu. Estou eu, Thiago Haruo Santos e Ana Carolina Falconeris, aqui com a gente. Então obrigado. Clarice, eu vou começar pedindo para você dizer o seu nome completo. E também a apresentação, a apresentação sua, da forma como você queira se apresentar.

CLARICE: Meu nome é Clarice Josivania da Silva. E eu sou liderança Pankararu aqui de São Paulo, sou presidente da Associação SOS Comunidade Indígena Pankararu, em Real Parque.

MUSEU: Maravilha. Então Clarice, eu queria começar então te perguntando, assim, qual que é a data de nascimento, quando você nasceu? E o local do seu nascimento?

CLARICE: Dia 11/01/88. E eu nasci em Pernambuco, na aldeia Brejo dos Padres.

MUSEU: Maravilha. E os seus pais também, os seus avós. São dessa localidade?

CLARICE: Minha mãe, meus avós são todos lá de Pernambuco. E minha mãe migrou para cá, para São Paulo, primeiro.

MUSEU: Maravilha. Então a sua infância foi lá em Pernambuco na aldeia? Quando foi então que você veio para cá?

CLARICE: Eu morei na aldeia até os meus 15 anos. Não me lembro a data, se eu vim para cá em 2003, ou se foi em 2002, sei que foi no finalzinho, tem 18 anos já que eu moro aqui em São Paulo. Mas até os 15 anos eu morei na aldeia, em Brejo dos Padres.

MUSEU: E você poderia contar para a gente como é que é essa aldeia? Se ela está mais em uma região litorânea? Se está mais em uma aldeia para o interior?

CLARICE: Então, a aldeia está localizada mais próximo de Petrolândia, Tacaratú, que são as cidadezinhas mais próximas que tem. Então ela fica meio que no meio. Tem Paulo Afonso, Bahia, que eu acho que dá, não sei se dá uma hora ou duas horas de viagem ainda, para a aldeia. Mas os mais próximos, as cidades mais próximas são Petrolândia e Tacaratú.

MUSEU: E que tipo de infância se tem lá na aldeia?

CLARICE: Eu lembro muito quando eu, eu sempre falo que eu era livre. Eu era livre. Porque eu vivia na natureza. E até hoje, quando eu volto na aldeia, eu percebo que as crianças, elas têm liberdade. E a gente aqui, as nossas crianças crescem com muitas restrições. E eu acho, eu acho não, mas eu me sentia livre. Eu brincava, tinha o horário de ir para a escola. Mas eu tinha o horário de brincar, eu não tinha medo, ninguém se preocupava onde eu estava brincando, quem era o parente. Então, eu tenho a aldeia como assim que eu era livre. Eu podia brincar, eu tinha a minha liberdade, tinha o horário de ir e vir, assim como a gente tem aqui, mas sem medo de viver. De poder subir mesmo em um pé de coqueiro, poder subir em um pé de manga, de pinha, de goiaba. Porque pelo menos na minha época ainda tinha muita fruta. Hoje, por conta da seca, tem menos. Mas ainda tem muita manga por lá, nessa região. Então, as minhas lembranças, até os meus 15 anos, foram muito boas, morar na aldeia. Eu sempre falo que eu não migrei. Eu fui obrigada a vir para cá. A gente vem por uma necessidade, porque ninguém migra porque quer. A gente migra por uma necessidade. E a necessidade maior vinha de quem? Da minha mãe. Então eu fiquei morando com a minha avó, a minha avó faleceu, a minha tia adoeceu, na mesma semana que passou por aquele processo de luto, minha avó doente no hospital, ela já voltou com diabete do hospital. Então a minha mãe resolveu trazer todo mundo para cá, para São Paulo. Então eu não falo, eu não migrei porque eu quis. Eu vim para cá porque me trouxeram para cá. E ninguém nunca migra porque quer. Porque é preciso ter o processo.

MUSEU: Sua mãe então veio primeiro para São Paulo?

CLARICE: A minha mãe já tem 20 e, não sei se são 25 anos que a minha mãe mora aqui em São Paulo. Eu não me lembro direito quando ela veio, mas quando ela veio, eu era bem pequena. Eu tinha uns sete anos, eu acho, quando ela veio para trabalhar mesmo, para tentar dar uma qualidade de vida melhor para a gente, porque lá na região onde a

gente mora não tem muito trabalho, até hoje. Apesar que já melhorou bastante, tem professores indígenas e tudo. Mas ela, nessa época, nesse período, ela não tinha essa oportunidade. Então ela precisou migrar porque era mãe de quatro filhos, solteira. Mãe solo. Então ela precisou deixar todo mundo lá e vir para cá.

MUSEU: Entendi. E já tinha outros parentes para cá? Tinha alguns conhecidos?

CLARICE: É, o pessoal, os mais velhos sempre contam, que o processo migratório começa na década de 40. Quando vem os primeiros, para trabalhar, com agenciadores, para trabalhar no estádio do Morumbi. E depois com um ano voltam de férias, para a aldeia. Volta com mais indígenas para trabalhar aqui. Eu também gosto sempre de lembrar que São Paulo é construída, assim como é construída pelo - porque a gente é pernambucano, a gente é do Nordeste, também é construída - por mãos indígenas, como até hoje. Muitos trabalham na construção civil, muitos trabalham em casas de família, tem muitos professores também, em outras áreas. Mas vieram para trabalhar especificamente na construção civil. E a minha mãe veio e quando veio, foi trabalhar de auxiliar de limpeza, em uma empresa aqui em São Paulo. E na época o salário era bem baixinho.

MUSEU: E já nessa época, ali onde você vive atualmente, onde está a associação?

CLARICE: É, daí aumenta esse processo migratório dos Pankararu, ali na década de 60, aonde as mulheres vêm com as crianças e vão aumentando mais ainda. A minha mãe, claro que ela veio depois. Mas ela veio e ficou também no Real Parque. Eu morei, devido a urbanização do Real Parque, eu morei um ano fora. Mas depois que saiu o apartamento, a gente voltou de novo no Real Parque. Morei no Santo Eduardo, foi o mais longe que eu já morei, assim, do Real Parque, foi o Santo Eduardo.

MUSEU: Mas na zona sul. Santo Eduardo, também na zona sul?.

CLARICE: É, na zona sul.

MUSEU: E tem uma conexão com o estádio do Morumbi? Foi o que eu escutei isso de um professor uma vez. Esse trabalho em construção civil, tem a ver com a construção do Morumbi?

CLARICE: Que eles vieram para trabalhar? Não, eles vieram para trabalhar na construção do estádio lá do Morumbi.

MUSEU: Esse foi o primeiro?

CLARICE: Esse foi o primeiro. E tem o palácio também, que foi uma das obras também. E eles ficaram porque os alojamentos eram ali naquela região. Que na época, a comunidade do Real Parque, era chamada de Favela da Mandioca, porque tinha vários pés de mandioca lá. E daí, quanto mais, eu lembro assim, bem pequena, eu lembro que o pessoal chegava, comprava roupa, tênis. Que não tinha, o pessoal não tinha. E daí o pessoal "vamos, vamos trabalhar, vamos" e sempre vinha. E até hoje tem essas idas e vindas. O pessoal vem para trabalhar, fica um ano ou dois, volta de novo. E fica um período lá, depois volta de novo. É algo que ainda acontece até hoje.

MUSEU: Por que é isso, você viveu até os 15 anos, viveu bastante tempo. Então também você deve ter visto bastante gente indo e voltando.

CLARICE: Sim.

MUSEU: Isso era comum? As pessoas costumavam conseguir voltar e ficar de vez? Ou não queriam? Como é que era isso?

CLARICE: Tem aqueles que ficam, até chegar mais ou menos uma idade de se aposentar. E depois vão embora. E tem aqueles que vêm, que ficam um período e voltam de novo. Então eu vi muito isso. Quando era final de ano, hoje não mais. Mas ia um ônibus para o Real Parque, fretado, só para levar os Pankararu para a aldeia.

MUSEU: Você lembra algum detalhe desse ônibus? A empresa?

CLARICE: Era empresa clandestina. Era clandestina. Vinha a pessoa que trabalhava na empresa, pegava o nome de todo mundo. Na época a passagem não era tão cara, agora está um pouquinho mais cara. E daí eu já fui em uma dessas viagens, porque daí a gente, ainda que seja de menor, menor de idade, o pessoal, junto com os parentes, viajava todo mundo. E ia daqui para lá, no meio de todo mundo, o ônibus, só Pankararu, dentro do ônibus.

MUSEU: Maravilha. Então, como é que foi também a sua vivência escolar, então? Lá em Pernambuco, lá na aldeia? Como é que era estudar?

CLARICE: Eu estudei na aldeia. Eu ia para a escola com os meus primos, até a quarta série, porque só tinha até a quarta série. Naquele período, até a quarta série, tinha professores indígenas, tinha uns que não eram indígenas. Ali para mim foi bom, mas quando eu saí para estudar na cidadezinha mais próxima? Aí já não era tão bom assim, porque daí vem, a gente começa a se misturar com todo mundo.

MUSEU: Isso depois da quarta série?

CLARICE: Isso, depois da quarta série, que já foi na quinta série. Porque lá eu estudei até a oitava série. E na oitava eu parei e vim para cá, para São Paulo. E daí para mim não foi muito bom. Ainda que tivesse bastante parente estudando nessa mesma escola, com a mesma idade, para mim não era muito bom estudar nessa escola por conta do pessoal. Um exemplo: a gente tinha aula de educação física. E daí tinha aquelas coisas tipo salto em distância, as corridas de quatro por 75, atletismo. Isso, atletismo. E a gente participava. E daí, o branco, sem querer falar do branco, porque ele não era indígena, mas o não indígena, a gente sempre ganhava. Quem era da aldeia, sempre ganhava. E eles falavam que a gente ganhava porque a gente corria atrás dos bodes, dentro da aldeia. E a gente sempre ganhava. Eu lembro que, antes de eu vir embora, eu tinha um monte de medalhinha, todas de ouro, porque eu sempre ganhava, em primeiro lugar, em salto em distância, salto em altura eu não conseguia. Mas a gente fazia e a gente ganhava sempre em primeiro lugar. E eles falavam que era porque a gente corria atrás dos bodes dentro da aldeia. Para mim não era bom, não é bom ouvir isso.

MUSEU: Criança, ainda? Não consegue se defender, não sabe muito bem de onde está vindo a agressão.

CLARICE: Sim.

MUSEU: Mas vocês eram minoria dentro da escola, numericamente? Ou como é que era isso, assim?

CLARICE: A gente era, eu não sei dizer se a gente era minoria.

MUSEU: Na sua sala, tinha mais colegas?

CLARICE: Não, a gente era minoria. A gente era minoria. Eu lembro que, nessa sala, só tinha eu e a Marta, que é minha amiga até hoje. Porque mais que more na mesma região, mas a aldeia está dividida: Brejo dos Padres, Aldeia Carrapateira, Serrinha. Então ela morava em outra aldeia, separado. E a gente só.

MUSEU: E todos Pankararus?

CLARICE: E todos Pankararu. Só que na minha sala, só tinha ela que era Pankararu. Os outros eram todos não indígenas. E a gente fazia, ela fazia também atletismo e tudo. E a gente sofria sim.

MUSEU: Essa escola foi até a oitava série?

CLARICE: Tinha até a oitava série. Só que daí, nesse período, eu já estava sozinha. A minha mãe já estava aqui, a minha tia já tinha vindo com o meu irmão mais novo e com a minha sobrinha, já tinham vindo para São Paulo. E eu fiquei sozinha, com 15 anos eu fiquei sozinha na aldeia, mais o meu primo, que eu acho que tinha dez anos. Eu fiquei na casa do meu pai, que não deu muito certo. E daí fui morar sozinha, com 15 anos.

MUSEU: Você falou, cuidando então do seu primo?

CLARICE: E o meu primo foi para a casa da avó dele. Até minha mãe ter, tipo, um dinheirinho, que era para poder trazer. E eu lembro que a passagem, acho que era 150. Mas ela não tinha esse dinheiro para trazer a gente. Aí eu esperei até, eu falei "mãe, eu não aguento mais ficar aqui". Então eu vou, no final do ano, eu vou para, a gente viaja. Eu vou dar mais um tempo, para a senhora juntar um dinheiro, conseguir pagar a passagem para poder trazer nós dois. Na época, só ela trabalhava e pagava aluguel também. Ainda tinha mais isso ainda. E daí eu fui trabalhar na casa da minha prima, de babá, para ganhar 50 reais. E minha avó ainda, minha avó mesmo, já tinha falecido, eu estava lá sozinha, e o meu avô pagava uma pensão, porque a minha avó também era separada, pagava uma pensão para a minha avó no valor de 75 reais. E eu juntava os 50 reais, que eu trabalhava o mês inteiro, para cuidar dos filhos da minha prima; e mais os 75 reais, que era da pensão da minha avó, que eu consegui pegar dois meses, que era para eu poder vir. Porque tinha essa pessoa que trazia a gente para cá, mas tinha que você der alguma coisa. Porque se você não desse nada, não trazia. Então eu deixei, acho que ainda o valor de uma passagem, para ele conseguir juntar. E quando na semana que era para a gente vir, não deu certo de vir.

MUSEU: E quantos meses você trabalhou então pra vir?

CLARICE: Eu trabalhei, eu fiquei do mês de junho até novembro. eu vim para cá em novembro. Para poder juntar alguma coisa e, ainda assim, não tinha o dinheiro todo para vim. Não tinha dinheiro para comer no caminho, não tinha dinheiro para poder pagar a passagem toda. E daí, na semana que era para a gente vir, não deu certo. Eu, com 15 e meu primo acho que 12, dez anos. Não deu certo. Aí voltamos de novo para a aldeia. Não, na próxima semana dá certo.

MUSEU: Só uma pergunta: esse período aí, já existia? Qual o ano mais ou menos, você sabe mais ou menos?

CLARICE: 2003.

MUSEU: 2003?

CLARICE: 2003. Eu acho que, é 2003, porque se contar eu tinha 15 anos e hoje eu vou fazer 35. Então acho que é 2003. E daí a gente volta para a aldeia, porque não dá certo a viagem. E isso diminui o dinheiro mais ainda, porque foi mais um gasto para voltar. E daí a gente vem eu, Lucas - meu primo - para viajar. Nesse dia, deu certo a viagem. E a gente vem mais um parente. E eu lembro que ele só tinha um peixe para comer no caminho. Peixe com farinha. E eu não tinha nada. Eu tinha umas moedinhas só para comer, para comprar alguma coisa. Aí ele falava - está vendo? Já quero chorar. Aí ele falava - "come, come o peixe"; eu falei "não, eu não quero". Mas eu não comia com vergonha, porque eu estava com fome. "Não, eu não quero". Aí "você quer, Lucas?"; e ele "não, eu não quero"; e ele também não comia, era igualzinho; não comia eu, não comia ele. E eram três dias de viagem. E daí eu lembro que eu descia. Aí eu - espere aí - com as moedinhas.

MUSEU: Se você quiser dar uma parada...

CLARICE: Aí ele, e eu comprava, e na época era Danone, essas coisas eram baratas. Então eu comprava para ele comer. E eu ficava sem comer. Que era na viagem. E daí foi bem puxado, mas como a gente era criança, aguentava. E eu passava, assim, só nas vitrines olhando. Todo mundo comendo, todo mundo almoçando e a gente não tinha. Só tinha esse parente que tinha esse peixe, mas eu não comi o peixe de jeito nenhum. Então, por isso que eu falo: eu não migrei porque eu quis. E eu vim. E eu vim assim, nessa situação. Porque a minha mãe não tinha dinheiro, a gente não tinha dinheiro. A pessoa, que trouxe a gente, o dinheiro que eu tinha, que não era muito, eu tinha que dar para completar pelo menos uma passagem, que eu acho que era 150, era 200, não lembro. Ou então ele não trazia a gente. E a gente já estava lá há muito tempo, longe de todo mundo. E daí eu vim para São Paulo, cheguei aqui e morria de medo de sair na rua. Quando eu cheguei, o primeiro choque foi: a comunidade. Porque eu ficava pensando como que eram aqueles barraquinhos, um em cima do outro. Então foi um choque de realidade que, quando eu botava o pé no chão, para sair de dentro de casa, o coração começava "tu, tu, tu, tu, tu", parecia que eu ia dar um treco. Com o tempo, eu fui me adaptando, fui me acostumando, fui conhecendo mais parentes. A minha mãe me colocou na escola José de Alcântara, que até hoje tem na comunidade e daí eu fui estudar. Eu odiava, porque eu não conhecia ninguém da escola, não gostava de ninguém, não queria contato com ninguém, mas estava lá. Não deixei de estudar, porque eu não queria saber de ninguém. E depois eu fui estudar no Osvaldo Aranha. Odiava também, porque achava o, tinha um grupo de meninos, que eles mexiam com todo mundo, com todo mundo na escola, eles mexiam com todo mundo. E daí eu tinha medo dos meninos, eu já com 20 anos, sei lá. E ainda assim eu não gostava de ninguém, eu não conseguia fazer amizade com as pessoas. Eu tinha dificuldade de fazer amizade com as pessoas dentro da escola. E tinha esse grupo que vinha só para perturbar. E daí eu não gostava da escola, mas terminei também. Com 16 anos, fui trabalhar como babá. Passava fome. Que às vezes eu até falo assim "eu era tão magra, mas tão magra, que a canela era preta", de tão magra que eu era. Porque com 15 anos, eu era babá folguista para ganhar 250. Trabalhava, trabalhei um ano, ainda de baba folguista. E eu falei "não quero mais, eu não aguento mais".

MUSEU: E você trabalhava ali próximo?

CLARICE: Trabalhava, eu trabalhava ali na Giovanni. Que é depois do Morumbi, do estádio do Morumbi. Trabalhei um ano ainda, eu falei "não, dá não gente, é muito sofrimento". A mulher me largava, as crianças, com 16 anos no shopping. Eu falei "essa mulher é louca, só pode ser?". Porque ela me deixa aqui, eu não tenho nem, nem sou de maior, cuidando de duas crianças, no shopping? Um dia eu quase matava a filha dela, eu ia derrubando-a da escada rolante, porque eu não conseguia. Porque, nesse tempo, era autorizado você descer com a criança no carrinho, hoje não é mais, tem a coisinha. E a escada lá do shopping Market Place, tem uma, que ela é enorme, ela é bem alta. E eu ia... na hora em que eu coloquei o pé na escada rolante, eu me assustei. Só que tinha uma outra babá na minha frente e ela segurou o carrinho, se fosse só eu e a menina, a menina tinha morrido. Tinha, porque era muito alto, muito perigoso. E passei por esse processo também aqui de um ano, trabalhar com essa família.

MUSEU: Perfeito, então a gente está aqui mais ou menos em um período que você já tem 16 anos, o seu primeiro trabalho aqui em São Paulo. Eu fiquei em dúvida, fiquei curioso, na verdade. Tentando voltar lá para os seus 15 anos, na aldeia. E tentando imaginar isso, quando você chegou em São Paulo, esse impacto, sabe? Lá você já tinha tido experiência com outras cidades grandes? Por exemplo, você já tinha ido para a capital? Ou você ficava muito ali na região da aldeia? Como é que é isso?

CLARICE: Eu acho, o lugar mais longe que eu fui, quando eu morava na aldeia, foi Serra Talhada. Só. Não saía da aldeia, era mesmo da aldeia mesmo para a escola. E para as serras, para os morros.

MUSEU: Mas então, assustador? Esse caos, essa?

CLARICE: Sim. Muito, muito. Quando eu cheguei aqui, eu falei "meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui? Eu quero ir embora, eu quero ir embora". Hoje se perguntar se eu quero ir embora, eu falo que não. Porque eu já estou há muito tempo aqui, já me acostumei. Gosto de lá, mas eu não quero ir embora por quê? Porque não tem emprego. Eu fico me imaginando, às vezes o meu marido fala "eu quero ir embora, eu quero ir embora"; eu falo "ok, a gente vai, vamos viver de que?". Não dá para viver de qualquer coisa, ou de qualquer jeito. Então, quando eu cheguei aqui, foi muito, muito forte. Então mais assim, eu costumo dizer que, ainda que eu não goste do que eu estou fazendo, mas eu estou lá, eu não desisto. Eu não queria terminar o ensino médio, mas eu terminei o ensino médio. Eu não queria terminar, eu fui para a PUC e era a mesma coisa, na PUC. Acho que eu sou inimiga das amizades, só pode ser. Porque eu não consigo fazer amizade com o povo, até hoje. No máximo, uma, duas, três pessoas. Eu não consigo ter muita gente ao meu redor. Só na associação mesmo, que somos em dez, 12 ou mais. Mais círculo de amizade, eu não consigo ter mais do que dois ou três amigos.

MUSEU: Como é que foi esse ingresso na PUC? Foi fácil?

CLARICE: Eu conheci uma família, que eles são da Espanha, hoje não vivem mais aqui. Que conhecia a Dora, que foi uma das nossas lideranças e eu fui trabalhar na casa deles. Só que eles também vieram da Espanha, de família humilde, que vieram para cá para trabalhar, que conseguiram viver mais ou menos ali em uma classe média, mais ou menos, com muito esforço, também. E eles falavam "vá estudar, menina, você é nova".

Eu tinha 23, 24 anos, por aí. "Vai estudar, menina", porque eu terminei o ensino médio e não fiz mais nada. Continuei trabalhando de babá, ia ali e tudo, saía e fui trabalhar para cuidar dos filhos dela. Eu com 20 anos - é uma vergonha, mas eu com 20 anos - não sabia limpar a casa, ainda. Porque ninguém me ensinou a limpar a casa. Porque eu morava na aldeia, não precisava, quem limpava era a minha mãe. Na aldeia, eu só ficava correndo mesmo, atrás, brincando com as cobras, no meio do mato, ia pegar camaleão, ia tirar coco. Então, não tinha essa preocupação, até os meus 15 anos, eu não tinha a preocupação de lavar uma roupa, limpar uma casa. A minha preocupação era viver. Qualquer coisa eu comia, eu comia um coco, chupava uma cana, comia uma manga, então não tinha preocupação. E eu fui trabalhar na casa dela e eu não sabia fazer essas coisas. E ela me chamou para trabalhar de babá. Eu falei "bom, das crianças a gente dá conta". Ainda que seja de qualquer jeito, mas a gente dá conta. E fui. E um dia eu lembro que eu limpei a janela dela e a janela não ficou boa. Ela, realmente eu acho que eu joguei Veja, passei um pano e deixei para lá, estava cheio de gordura. E ela me chamou para conversar e eu disse "mas você me chamou para trabalhar com os seus filhos, para trabalhar, para cuidar dos seus filhos, não foi para cuidar da casa. Se você quiser que eu limpe a sua casa, você vai ter que me ensinar". Então assim, por ela ser uma pessoa muito boa, até hoje eu tenho o contato deles, ser uma pessoa muito boa, ela falou vou ensinar, vou apostar nessa menina, que já está velha, que já tem 20 anos, não é mais uma criança. Mas eu preciso, porque ela precisava de alguém para cuidar dos filhos dela. E ela não conhecia ninguém também aqui em São Paulo. E, mesmo assim ela falava "Clarice, vá estudar. Vá estudar, vá fazer alguma coisa porque, menina, você tem a oportunidade". E eu fui estudar. Conheci, através da Dora mesmo. Fiz o vestibular, fiz o Cursinho da Poli, primeiro. Fiz o Cursinho da Poli, que tem parceria com a associação até hoje também, são 12 bolsas que tem. Então, eu entrei no Cursinho da Poli primeiro. Como sempre, não tinha um amigo. Sozinha meu Deus do céu. No cursinho tinha 100 alunos na sala, Clarice sozinha de novo.

MUSEU: Pegava transporte.

CLARICE: Era, pegava transporte, o bom era que era em Santo Amaro. Hoje em dia já não tem mais, fecharam lá.

MUSEU: Não é no Butantã.

CLARICE: Não, aí eu ia para Santo Amaro, Marginal direto, era rapidinho, mas era o dia inteiro. E eu trabalhava e estudava no final de semana. E depois a Dora, pediu para que a gente conhecesse outros indígenas. E eu conheci o Amaro que era potiguar, a Aparecida Bruno Xavante. Antes de fazer o vestibular para poder entrar. E a gente se reunia, final de semana, fazia alguma coisa, se encontrava. Fiz a prova, passei. Como? Eu não sei, mas passei. Fiquei em, fui a décima. Porque são 12 bolsas na PUC também? Fui a décima, foi um milagre, entrei.

MUSEU: Em qual curso?

CLARICE: Serviço social, que eu fiz na PUC. E daí de novo aquele problema com a turma. E eu conheci o Amaro, só tinha o Amaro de amigo. Amaro fazia amizade com a sala inteira. E eu só tinha Amaro de amigo. E daí na hora de se apresentar, eu falava "meu nome é Clarice". E o Amaro ia lá e falava que eu era a Clarice, do povo Pankararu e que a gente entrou no curso pelo programa Pindorama, que eu também não falava. Ainda

que o curso de serviço social não tinha muita assim, era mais gente humilde mesmo, classe baixa mesmo. Não tinha ninguém muito rico nesse curso. E na época era um curso também, até considerado, era 600 reais que a pessoa pagava. E para quem é de classe baixa, já é um bom dinheiro que está saindo do bolso. E daí eu consegui fazer amizade com o Bruno, que era Xavante e com Cristiane. Pronto, eram os meus três amigos no curso. Nesse período, engravidei. Tive que trancar o curso, saí do curso, perdi meus amigos. Fiquei seis anos na PUC, para conseguir sair. Meu marido entrou, fez o vestibular e a gente terminou o curso juntos. Uma vergonha, mas terminei. Por que eu não terminava? Porque a gente vem de uma escola pública. Não tem o hábito, não tem o costume de ter, de ler, de ter uma leitura. Então eu tinha muita dificuldade nas matérias, eu não entendia muita coisa. Ainda que as professoras, foram umas professoras muito boas. Assim, super que entendia, ajudava, apoiava nas nossas dificuldades durante o curso. Mas e a coisa foi. O que é que essas professoras estão falando? Mexer com a tecnologia? Não, até hoje eu tenho dificuldade para escrever muita coisa, tanto que eu estou na associação, mas eu tenho uma pessoa que me ajuda, voluntário mesmo, porque a associação é um trabalho voluntário. E todo o ofício, toda a carta, documentação, quem escreve para mim é ele. Porque até hoje eu tenho essa dificuldade. Só que daí deu certo, na hora de apresentar o TCC, eu sabia fazer algumas coisas e Aritano sabia fazer outras, que Aritano é meu esposo. Ele sabia fazer nota de rodapé, não sei o que lá mais e aí ia se encaixando, deu certo os dois. Acho que por isso que nós estamos juntos até, 13 anos já. Deu certo, a gente conseguiu apresentar o TCC.

MUSEU: Vocês se conheceram onde?

CLARICE: Eu o conheci aqui.

MUSEU: Aqui?

CLARICE: É, ele veio para passear, eu já morava aqui. E daí ele ia passando, eu falei "esse menino? Não sei não, viu". Não gostei dele quando o vi. E em outro momento eu o vi de novo, eu acho que gostei dele. E Aritano tímido, ele é totalmente o oposto, tímido.

MUSEU: Ele entrou depois da universidade?

CLARICE: É. E daí eu o conheci. E estamos aí, até hoje.

MUSEU: E o seu TCC? Foi sobre o que?

CLARICE: O meu TCC, ele foi sobre saúde indígena. Era mais para as tensões da medicina e a nossa cultura. Como que eles sabiam lidar, juntar a medicina tradicional com as nossas medicinas, do nosso povo. Com a espiritualidade, como que sabia lidar com a espiritualidade do povo Pankararu. Ainda que todo mundo não passe por esse processo. Porque tem muitos Pankararus que nasceram aqui, moram aqui e nunca foram na aldeia. No meu caso, eu nasci lá, eu fiquei até os meus 15 anos, eu vim para cá, eu participei de ritual, eu participo até hoje, aberto. Os rituais que acontecem na aldeia Menino do Rancho. Tem época que eu prefiro ir quando está perto da corrida do umbu, que é uma corrida - que é uma corrida não - que é um ritual que acontece uma vez no ano. E tem o Menino do Rancho, que acontece aos domingos, ao longo do ano. Então eu prefiro ir mais nesse período por conta disso.

MUSEU: Qual que é o anterior, que você falou, do umbu?

CLARICE: É, corrida do umbu.

MUSEU: Quando que costuma ser?

CLARICE: No mês de esse ano? Vai ser no final, mais no meio de fevereiro, eu acho. Que é próximo do carnaval.

MUSEU: E aí, não é uma ocasião, por exemplo, das pessoas voltarem para a aldeia?

CLARICE: Normalmente as pessoas vão, nesse período vai mais gente. O pessoal costuma pegar férias mais para essas datas e volta. No meu caso, eu espero as férias das crianças, para poder a gente ir e ficar. Normalmente não dá para pegar, porque tem que esperar esse período. E é um mês, é um mês de ritual. Então não dá tempo.

MUSEU: Desculpa, voltando ao TCC. Porque você achava importante fazer esse TCC, nesse tema? Por que você o escolheu?

CLARICE: Porque alguns médicos, quando eles entram no PSF indígena, eles querem tratar apenas com a medicina deles.

MUSEU: O que é que é que PSF?

CLARICE: PSF indígena.

MUSEU: Posto? Posto de saúde?

CLARICE: Não, é o.

MUSEU: Desculpa, é que eu não sei.

CLARICE: Programa de Estratégia de Família. Indígena, no caso, que o I é de indígena. E daí muitos vem e não querem tratar, porque daí se você está passando por, não está com, sei lá, uma crise de ansiedade, ou está com qualquer tipo de mal-estar. E você vai no médico e o médico vai lhe receita algum medicamento? Só que alguns procuram reza, também. Tem a questão da espiritualidade também. Eu mesmo, eu vou nos dois. Eu vou no médico. Se eu não estou bem, eu vou no médico, primeiro vou no médico, converso. Em seguida vou procurar as lideranças, que trabalham com a espiritualidade, que são rezadores. Eu procuro os dois. Então tem isso, porque nem todo mundo que chega para trabalhar, nem todo mundo que vai trabalhar com indígena é porque quer. Às vezes que conhecer só e vai embora. Mas tem aqueles que ficam também, por um bom tempo, conseguem.

MUSEU: Bom, deixe-me ver aqui o que é que eu perdi das minhas perguntas. Bom, o nome do seu povo então é povo Pankararu?

CLARICE: Isso, povo Pankararu.

MUSEU: E tem alguma complementação? Tipos de povos Pankararu? Tem alguma complementação no nome, alguma coisa assim?

CLARICE: Não, tem povo Pankararu. E tem Pankará, que é do Pankararu. Tem Pankararé, que é de Pankararu também. Tem mais. Tem Jeripancó, que é do povo Pankararu também. Foram migrando, para outros territórios e só muda o nome. Mas que mantém os mesmos costumes, rituais. Aqui no Real Parque, a gente não é, o pessoal sempre pergunta: é aldeia? Não, não é aldeia. É uma comunidade, que mora 9 mil pessoas e que

a gente é só um tantinho dela. Porque nós somos 180 famílias, tem mais ou menos umas 700 pessoas. No qual nem todas são indígenas, porque tem o casamento com o não indígena também. Então dá 700, mas 100 ou 150 não são indígenas. Então dá 600 e pouco que são Pankararu. Que mora só no Real Parque.

MUSEU: E desde essa época que você veio, com 16 anos, já se falava isso? Somos Pankararu, somos tantas famílias? Ou foi um movimento que aconteceu, que você viu?

CLARICE: O pessoal que veio primeiro, só descobriu que tinha Pankararu no Real Parque por conta que teve um parente que morreu. E aí saiu uma reportagem. Mas o pessoal, ele tinha medo de falar que era Pankararu, que era indígena. Então eu passei por esse processo também. Eu nunca na minha vida falava que eu era Pankararu. Primeiro que eu sou preta, eu sempre falo isso. O pessoal está atrás do indígena, como diz, o que está no livro de história. O pessoal, muitas vezes, eu já passei por isso na escola. De ser convidada, para dar uma entrevista não, de ser convidada para fazer uma oficina dentro da escola e a professora dizer que eu não tenho cara de índia. "Você não tem cara de índio". Porque está buscando o estereótipo. Porque quer o indígena do cabelo liso e nesse dia o meu cabelo estava preso, estava durinho de creme. Aí quando eu prendo, fica bem lisinho para trás. "É, até que o seu cabelo". E eu falo "mas eu não sou Pankararu por conta do meu cabelo. Eu sou porque eu sei que eu venho de um povo. Eu sei o sangue que eu carrego. Eu sei da minha história. Eu sei onde o meu povo vive". Então não é por cor. Não é por conta do meu cabelo. Então, todos nós passamos por esse processo quando chegamos aqui, de não querer falar que é indígena, que é de um povo. Ou toda hora parece que você está se justificando para a pessoa. Você tem que provar todo dia que você é de um povo Pankararu, que você é do povo Pankararu, que você é indígena. Então, o pessoal não falava, minha mãe mesmo trabalhava em uma empresa que ela não falava que era indígena. Eu até hoje, dependendo de onde eu vou, a não ser que eu seja convidada, a pessoa já sabe que eu sou indígena, aí eu vou até lá porque a pessoa já sabe. Mas por onde eu passo, eu não falo que eu sou indígena. Até porque a gente, dentro da própria comunidade, a gente também sofre com isso, por ser Pankararu. Porque dentro da comunidade, o pessoal fala que a gente quer, que a gente tem prioridade. Prioridade, porque a gente tem um atendimento dentro da UBS. Que é um direito. Que eu às vezes eu sempre, às vezes eu até falo que o branco, muitas vezes, ele se acomoda. E ainda que o movimento indígena, ele não seja tão forte quanto outros que tem, mas ainda assim eles conseguem se organizar. E fazer e reivindicar mesmo os direitos que têm. Que é isso que a gente faz todo dia ali dentro. Que é se fortalecer, dizer a gente está aqui, a gente quer o mesmo atendimento, a gente tem o mesmo direito, porque somos considerados índios desaldeados. E daí o pessoal criou um termo para não ser índio desaldeado, mas indígenas do contexto urbano. Para que tenha um olhar, o mesmo olhar que tem pela aldeia. Então, o pessoal não fala que é Pankararu. Eu mesma, não falava. Todas as minhas apresentações era "Clarice, eu sou Clarice, ponto".

MUSEU: Mas teve algum momento que você passou a falar mais?

CLARICE: Eu passei a falar mais quando eu entrei no curso de serviço social. Que uma vez no mês, tem a reunião do Pindorama, que é uma reunião obrigatória, onde a gente conhece os outros povos. E daí eu conheci o Benedito Prezia e ele falava "Clarice, vamos para a reunião, que lá você vai conhecer outras lideranças". E foi onde eu conheci Fulni-

ô, Kariri-Xokó, Guarani. Foi onde eu conheci o Émerson, foi na reunião da CAPISPI. E eu ia para a reunião, eu ficava olhando para todo mundo, eu falava "meu Deus, o que é que esse povo está falando?". Porque era um povo que já se reunia, era um povo que já conversava sobre as suas comunidades. E eu ficava olhando "meu Deus, o que é que eles estão falando? O que é que eu estou fazendo aqui?". Mas fiquei por um período. Só que ali foi onde reacendeu, dentro de mim, o que eu sou. Foi onde eu pude reafirmar a minha identidade. Eu sou Pankararu, eu sou indígena e, a partir de hoje, eu não vou ter mais medo de falar, porque eu não estou sozinha, tem mais indígena aqui. Porque ainda que eu não conhecesse outros povos, porque eu vivia dentro da minha aldeia em Pernambuco, eu não conhecia. Eu não tinha noção da dimensão de quantos povos tem. Até hoje eu não sei, mas tudo bem. Sei que são mais de 300, 200, sei lá, alguma coisa assim. Mas eu não tinha essa noção. E quando eu conheci, era como se eu tivesse, assim, agora sim eu começo a entender um pouco do modo de viver das pessoas daqui. E que não é só os Pankararu e que tem mais povos aqui no estado de São Paulo. E comecei a participar mais das rodas de conversa.

MUSEU: Você lembra de alguns exemplos, assim, que te marcaram?

CLARICE Eu lembro desse dia, que eu os encontrei, que foi na... Agora eu não lembro. Como é o nome aqui, eu só fui lá uma vez.

MUSEU: Um encontro, assim, que você?

CLARICE Não, eles se encontravam mesmo, com as lideranças e daí se reunia e pronto. E deram o nome de (CAPISPI) [00:41:34].

MUSEU: (CAPISPI) [00:41:35].

CLARICE: É, deram o nome de (CAPISPI) [00:41:36] para esse grupo, que até eu acho que saí do grupo. Mas eu saí do grupo porque ficou um grupo muito no celular. Aí eu saí do grupo mais por conta disso, porque o celular eu não aguento.

MUSEU: Eu fiquei pensando também, porque para a gente interessa bastante assim, como a gente fala deslocamento, de imigração. Como é que foi manter o vínculo com a aldeia nesse período todo? Por exemplo, enquanto você estava na faculdade, você já tinha voltado para lá, tinha ido visitar? Como é que era isso? Vinha gente de lá?

CLARICE: Eu fiquei quatro anos sem ir à aldeia. Naquele período em que eu estava trabalhando como babá, eu nunca parava, sempre estava trabalhando de alguma coisa, mas sempre em casa de família. Eu juntava dinheiro, porque eu queria voltar para a aldeia, eu queria voltar ainda que fosse de férias. Só para passar um mês, porque a minha mãe morava aqui, meu pai morava na zona leste com outra mulher. Todo mundo estava aqui, então eu não tinha muita alternativa, de ir e ficar. Eu juntava dinheiro, que era para eu voltar de novo para a aldeia. E daí foi nessas que, como eu falei, anterior, que os ônibus iam buscar o pessoal na aldeia. E o que é mais incrível, é que você não tem idade suficiente para viajar sozinho, mas a sua mãe deixa você viajar sozinho. Você não tem tanto dinheiro para viajar, mas a sua mãe deixa, tipo "vai". E eu fui, voltei para a aldeia de novo. Viajei, eu fui, vim para cá em... foram quatro anos, aí 2008 eu voltei. Foi, voltei e depois em 2009 eu fui de novo, sozinha. Mas eu voltei em 2008, fui mais o meu irmão e a minha sobrinha. Ainda viajava e ainda levava os irmãos pequenos e o sobrinho ainda. Ia todo mundo.

MUSEU E era meio que para passar as férias? Para ficar um tempo?

CLARICE: Para passar as férias. Porque na verdade eu nunca quis cortar vínculo. Perder o vínculo com a aldeia. Porque o meu irmão mora lá até hoje, eu tenho um tio que mora lá até hoje. Eu tinha a minha avó, eu tinha o meu avô. Então eu ia para a casa do meu irmão. Hoje eu vou para a casa do meu tio e assim a gente vai. Tem a casa da sogra também, que a gente pode ir. Mas eu nunca quis perder e eu não quero que os meus filhos cresçam, porque você vai em vários lugares contar um pouco da sua história e sempre tem alguém que fala "a minha avó era indígena". E não sabe contar a sua história. E eu não quero que os meus filhos percam isso. Eu quero que eles saibam, que eles nasceram aqui, mas que a gente é de lá. A gente sempre fala "eu sou daqui, mas a minha casa é lá, a qualquer momento eu quero ir embora". Lá a gente tem terra. Tem aquela casa que está caindo, mas tem terra. Eu acho que tem uns dois anos que a gente comprou mais um pedaço de terra. Porque a qualquer momento que a gente queira ir embora, ainda que não tenha emprego para todo mundo, ainda que a gente vá velho, não sei como vai ser, não tem como prever. Mas a gente tem terreno dentro da aldeia, terreno que era da minha avó, terreno que a gente comprou, terreno que é do meu pai, que é nosso também. Então a gente segue assim. Mas a minha família é aqui, então a gente nunca perdeu o vínculo, o contato, de poder ir até a aldeia, de voltar de novo, de trabalhar e voltar de novo, sempre nesse processo de idas e vindas. Lógico que a gente fica mais tempo aqui do que lá, na aldeia.

MUSEU: Você estava comentando antes que você vai agora esse ano para lá. O que é que você espera, assim, encontrar lá? Qual a sua expectativa?

CLARICE: Eu estou com muita saudade do meu tio. Foi minha última lá, de novo. Foi minha última viagem, que eu fui. E eu viajei, tinha o meu primo, ele era pajé de lá. E foi uma despedida. Tem três anos que eu fui, tem um ano que ele faleceu. E daí eu viajei, quando foi para vir, ele falou assim, eu falei "tchau". Bem assim, sem querer muita coisa, porque quando eu volto, parece que naquele momento, que eu estou saindo de lá, eu estou deixando algo de mim muito forte. Que eu choro tanto, na despedida, tanto, tanto, tanto, tanto, que eu não sei de onde eu arrumo tanto choro. E nesse dia, o meu primo, ele já estava passando por um processo que ele não estava muito bem, que é Francisco. E ele falou assim "quando você voltar aqui eu não vou estar mais aqui". Eu disse "então me dá um abraço?". E daí a gente se abraçou e eu falei "então está bom, já que você diz que não vai estar aqui, eu estou indo". Mas só Deus sabia como que eu estava ali com o meu coração naquela hora. E eu saí, encontrei a filha dele lá na frente e eu chorava, chorava, chorava, chorava. E ela "mas o que é que você tem?" e eu falei, porque, pelo estado em que ele estava, eu sabia que eu não ia encontrar ele mais. E eu sabia que eu não ia voltar antes de três anos, também. Porque é todo um processo, você tem que vir; você tem que trabalhar; você tem que deixar um dinheiro; não tem jeito, você tem que deixar, porque o gasto é muito grande para você ir. Sozinha não é tanto, mas passagem para quatro pessoas e tudo, então sai muito caro para você ir. E eu sabia que antes disso eu não voltava. E também foi o tempo da pandemia. E quando foi janeiro a gente voltou, teve a pandemia. E quando foi próximo do final do ano ele faleceu. A gente conversou pouco. E eu não sei, mas depois que ele morreu, a gente tem essa conexão com os nossos ancestrais, mas também tem a nossa ligação com os nossos ancestrais, do nosso povo, que hoje já não estão mais junto com a gente. E eu preciso ir, é por isso que eu preciso ir. Porque é como se eu fosse encontrar com ele. É como se

ele estivesse lá, me esperando. Porque ainda que a gente vivesse longe um do outro, mas a nossa amizade, a nossa ligação era muito forte. E foi muito forte a nossa despedida. Então eu quero muito ir por conta disso. Porque eu quero, é como se eu fosse, eu quero encontrar com ele. Eu sei que ele não está lá, porque ele não está mais aqui entre a gente. Mas eu preciso ir. Eu preciso ir, eu preciso ver o meu tio, que é o pai dele. E eu preciso sentir que ele está ali. E esses dias, eu estava, a minha tia até, eu estava dormindo. E só que eu estava assim, um sono, não sei, meio pesado ou não. E daí eu sonhando e ele estava cantando. E ele estava cantando e esses dias eu não estava bem. E eu sentia que ele estava cantando nos pés da minha cama. E ele cantando e eu respondendo, ele cantando e eu respondendo. Aí eu, no sonho, meio aberto, sei lá, um sonho, como se eu estivesse acordada. E eu falava assim "Francisco está aqui rezando em mim e no Aritano na cama"; "como assim ele está rezando em mim, eu estou aqui deitada, eu estou sentido que ele está rezando". E eu não queria, assim, eu não faço muita questão de viajar. É claro que eu preciso de um tempo também, todos nós precisamos de um tempo para voltar, se reconectar, recuperar as nossas energias. Porque querendo ou não, o lugar é lá. Onde você consegue descansar, estar mais perto da natureza mesmo, das nossas nascentes. E eu não sei, eu tenho isso, que eu preciso ir. Eu preciso ir, a casa do meu tio é do lado da dele. E quanto ele morreu, assim, nossa eu sofri muito. Sofri muito quando ele morreu. Mas sempre eu sonho. E eu sei que ele não está mais entre a gente, mas é como se ele tivesse. E eu preciso ir. Eu faço qualquer coisa, eu falei para a minha tia "só tem uma pessoa que vai impedir a minha viagem, que é Deus". Tirando isso, ninguém vai impedir essa viagem, porque eu preciso ir até lá. Eu sei que ele não está lá, mas eu preciso, eu quero sentir a presença dele. Eu quero sentir que ele está ali perto de mim, eu quero ir. É isso, por isso que eu quero voltar. Pode ser que eu esteja criando muita expectativa. Pode ser que não aconteça. Mas só ir até lá. Ir no terreiro. Ir no salão dele. Ver todo mundo, para mim já, já é uma coisa.

MUSEU: Ele veio te visitar, em algum momento, aqui em São Paulo?

CLARICE: Veio, ele já veio aqui. Já veio aqui. Quando ele vinha para cá, ele falava assim "Clarice, Aritano não é seu parente. Aritano é seu marido. E marido, ele sempre abandona as esposas. E eu é quem sou seu parente e eu nunca vou te abandonar". E ficava, ia para todo canto mais ele, todo canto eu ia mais ele. Aí eu, depois que ele morreu eu falei "aí, está vendo? Ele já me deixou e eu estou aqui mais o Aritano". É a vida, não é? E tem a mãe dele também, que está esperando a gente lá. Ela falou que era para a gente ir, antes que ela também já fosse. Desde que eu chego lá, eu a chamo de minha rainha. Eu falo "minha rainha, como é que a senhora está", ela ri. "A senhora está bem, minha deusa?", ela só ri. E ela disse que era para a gente ir também, porque a gente precisava se encontrar. É uma coisa dos mais velhos. Dos mais velhos, de a gente poder estar mais próximo, ainda que a gente não saiba o dia de amanhã. Para a gente poder estar um pouco mais próximo, nem que seja só para se despedir.

MUSEU: A minha sugestão de pergunta é: você comentou que o seu pai está na zona leste. Eu queria saber se lá onde ele vive também é um contexto parecido, de indígenas em uma situação urbana ou não?

CLARICE: O meu pai morava na zona leste, o meu pai mora agora no Real Parque, ok? Essa partezinha já passou, da vida dele. Ele morava no Rodolfo Pirani. Ele tinha construído uma nova família, ele morava lá, mas hoje ele mora no Real Parque. Só que

o pessoal que mora na zona leste também, eles são um pouco, não no bairro em que ele morava. Mas tem o bairro que é da Madalena, que eles são organizados também. Não tem ritual, como tem no Real Parque tem ritual. A gente faz Abé, ritual de cura, tem os nossos encontros anuais. Então, esse pessoal que mora na zona leste, Guarulhos, Campo Limpo, vão todos para o Real Parque quando tem alguma coisa. Porque eu acho que esse modelo só tem no Real Parque. No Real Parque tem a associação, no Real Parque tem os encontros anuais. Tem, nós temos Praiá, lá não tem. A gente tem oito Praiá na associação.

MUSEU: Você explica para a gente o que é o Praiá? Por favor?

CLARICE: O Praiá? É essa figura aqui, que eu carrego aqui, aqui é o Praiá, o maracá. E o Campiô. Que para nós, são os nossos encantados. Que nos protegem, que cuidam da natureza. Esses são os Praiás, que o pessoal chama de Praiá, encantado. Que cada um tem um nome. Que no começo eu falei que, o Rafael, não é? Rafael. Não, é Thiago o teu nome.

MUSEU: Thiago.

CLARICE: Thiago. Olha, nem ele sabe o nome dele mais. Que o Thiago perguntou sobre o nome Azulão. Então, Azulão é um encantado, porque cada um tem um nome. E a vestimenta é essa. E hoje, o pessoal faz de artesanato, na aldeia, a miniatura. Que daí a gente usa como proteção.

MUSEU: E só pode fazer na aldeia? Ou pode fazer em um contexto urbano também?

CLARICE: O que? O Praiá ou o colar?

MUSEU: O Praiá.

CLARICE: Não, o Praiá, ele é feito na aldeia.

MUSEU: Só na aldeia?

CLARICE: Só na aldeia. Porque não tem o material aqui. Quando eu entrei, antes de eu entrar na associação, eu tinha feito um projeto pela secretaria de cultura. E daí eu fui e trouxe quatro. Trouxe quatro assim, porque na associação, eu já tinha quatro. Só que esses quatro já têm dez anos. Então eles estão bem velhinhos. Não tão que nem o que está no acervo do Centro Cultural, que é de 1938, que Mário de Andrade trouxe. Não está tão velhinho quanto ele. Mas o outro já está também.

MUSEU: Qual Centro Cultural é que está?

CLARICE: Da Vergueiro.

MUSEU: O Centro Cultural São Paulo.

CLARICE: Lá tem um Praiá lá. E daí a gente foi, porque como os meninos usam para dançar, aí já tinha muitos anos. E eu fiz esse projeto e a gente trouxe mais quatro. E depois, aí agora tem mais dois. Temos seis, que estão assim, em bom uso. Os outros dá para usar também, mas já tem bastante tempo. E aqui não tem como fazer, porque todo o material é lá na aldeia.

MUSEU: E que material que é feito?

CLARICE: É croá, é uma planta. Não sei se você conhece a agave? Não sei se aqui tem alguma planta que... essas plantas assim, sabe? São pontudas, que parece? Não sei explicar, mas eles batem o croá e daí fica essa fibra aqui. Não, essa não é não, tem umas que eles fazem do, preta. Olha. É assim? É assim? Eles fazem com essa fibra, de croá. Muitos dizem palha, mas não é palha, é croá, que é de uma planta.

MUSEU E aí só acha lá?

CLARICE: Só acha naquela região, de Pernambuco. Eu não sei se por aqui, tipo Minas, os meninos estavam falando que em Minas Gerais tem. Eu não sei. Mas das duas vezes que eu precisei, teve que vir da aldeia.

MUSEU: E tem figuras espirituais? Tipo você falou que o seu primo era pajé. Aqui, no contexto urbano, também tem essas figuras? As figuras que tem na aldeia? Ou não?

CLARICE: Não, aqui, quando o Seu Bino trouxe os Praiás, ele pediu autorização das lideranças, lá na aldeia. E aqui, a gente não tem pajé, nem cacique. É só liderança ou presidente da associação. Só. A gente deixa esse critério, essa parte só para as aldeias mesmo. Apesar que tem pessoas que me chamam de cacique. Eu não gosto. Mas tem gente que me chama de cacique. Porque você é nossa cacique. Eu falo "é, sou". Mas não é porque eu não gosto, é porque eles não têm. Não sei, é como se eu estivesse ocupando um lugar que não é meu, por ser cacique. Eu tenho um respeito, assim, muito grande pelas lideranças, cacique, pajé. E eu não me vejo como um cacique. Como liderança está bom, apesar que cacique é uma liderança mesmo, que faz todo aquele movimento dentro da aldeia, que viaja para Brasília para resolver os problemas que tem dentro da comunidade, que é esse o papel da liderança da presidente da associação, que é o que eu faço. Mas ainda eu prefiro que seja só liderança mesmo. Que eu acho que é um nome muito grande para mim.

MUSEU: Mas e as rezas, por exemplo? Na comunidade, quem faz as rezas?

CLARICE: Quem faz é a minha mãe. Lídia. Bastante conhecida, famosinha também, viu? O pessoal a acha no YouTube fácil. Adilson. E tem as pessoas que ajudam. Eu sempre falo, que eu faço parte do cruzeiro de fora. Porque quando você vai fazer uma reza, que é uma cura espiritual, eles se sentam, colocam todo o preparo no chão. E se senta em cruz. E daí fica a gente de fora, só para ajudar. Eu falo que a gente é o cruzeiro de fora. Então eu não, eu participo dos rituais. Porém, às vezes eu fico, eu falo "meu Deus, eu acho que eu não sei qual é a minha vocação". Porque eu não sei cantar, eu mal sei responder. É mais para ajudo, mas não tenho essa. Que isso não significa que eu não acredite, porque já perguntaram para mim se eu acreditava que realmente as pessoas incorporavam, as pessoas recebiam os encantados. E eu só respondi para a pessoa que eu só senti essa energia uma vez. E que eu não queria sentir nunca mais. Porque, para mim, eu não tenho capacidade de receber e de sentir isso que eu já senti, porque é muito forte. Eu falei "vocês, não sei se você já teve a sensação de estar virando em um bicho". Foi essa a sensação que eu senti quando eu senti a presença muito forte das coisas, do nosso lugar, das nossas crenças. Então eu não tenho a capacidade de sentir isso. Mas eu sei que existe e que é forte. Por isso que eu acredito. Porque eu não vou desacreditar daquilo que eu vivi e daquilo que eu cresci. Porque daí entra, muitas vezes também tem a igreja. Que a igreja critica a nossa cultura, o nosso modo de ser, que não é certo. Mas o que não é certo para eles? E eu acredito. E eu vou para a igreja. Eu vou

para a igreja na quarta, na sexta. E se no sábado tiver ritual, eu vou para o ritual. E se tiver apresentação eu estou nos Praiás, danço e faço as coisas tudo junto.

MUSEU: E a sua mãe aprendeu como?

CLARICE: A minha mãe aprendeu na aldeia.

MUSEU: Na aldeia.

CLARICE: Eu acho que não é aprender. É dom. Porque eu acho que cada um tem um dom. E esse dom, eu não carrego comigo. Porque ela canta, ela faz as rezas. E eu não tenho esse dom, de cantar, de passar, de ensinar um remédio para você tomar, ou um banho. Eu não tenho isso, mas eu acho bonito quem tem. E daí quando terminam os rituais, eu falo "vamos embora, vamos embora, que eu estou cansada". Eu sou a que, eu só fui para comer, para beber e eu sou a que mais estou cansada, porque já quero ir embora. Todo mundo reclama no final do ritual. Essa dali é a primeira a querer ir embora. Vocês também querem passar a noite todinha cantando? Começa aí, mas minha mãe fica, quando ela termina está lá a pobre, acabada. Vamos mãe, força, já terminou. E vamos recuperar as energias, que é para. Porque ela não faz trabalho só no Real Parque. Se tem um parente doente, no Capão Redondo? Eles têm carro, manda buscar, vai. No sábado passado, foram dois carros. E eu vou junto, só para cuidar, mas estou lá.

MUSEU: Quando você fala parente, é só Pankararu?

CLARICE: É Pankararu.

MUSEU: Pankararu.

CLARICE: Pankararu. E daí ela vai. Tem um ritual que é de Sábado de Aleluia, que é em Guarulhos. A gente vai também, é a noite todinha. Volta todo mundo destruído no outro dia, cansado, mas a gente vai para Guarulhos, que tem um ritual.

MUSEU: Todo sábado?

CLARICE: Sábado de Aleluia. Uma vez no ano, a gente vai.

MUSEU: Uma vez no ano.

CLARICE: É.

MUSEU: Clarice. Então, eu queria entrar com você na história da associação. Se você pudesse contar como surgiu a associação, as pessoas que te precederam na presidência.

CLARICE: A associação, ela foi oficializada. Eita, agora eu não vou lembrar, mas tem 25 anos. Depois vocês fazem as contas. 25 anos já tem a associação. Eu não sei se foi 91. Três, é que eu esqueço, mas.

MUSEU: O nome da associação.

CLARICE: A associação, Associação SOS Pankararu. Comunidade indígena Pankararu do Real Parque. O primeiro presidente foi Frederico. Esse grupo indígena, eles resolvem formar esse grupo, porque não era reconhecido pela FUNAI. E que já tinha família suficiente para ser reconhecido. Então, eles pediram para fazer um levantamento de quantas famílias tinha no Real Parque. Que na época quem fez foi a Dora, filha de Seu

Bino. Juntou, fez esse levantamento. E daí foi onde a FUNAI reconheceu ali como um território indígena mesmo, porque a gente tem reconhecido como território indígena, no Real Parque. E eu sempre falo que a associação não é, a gente trabalha com vários fatores: saúde, educação. Porque através da associação, foi onde fizeram parceria com o Cursinho da Poli; através da associação, foi onde fizeram, é hoje onde tem esse atendimento, na UBS do Real Parque, que é o PSF Indígena lá dentro, que são: dois médicos de 20 horas, uma enfermeira, duas técnicas e duas agentes de saúde indígena. É uma luta manter aquilo ali. Então, quando eu entrei na associação, que passaram outras lideranças. Dora, Nalva, o que ficou mais tempo foi Seu Bino. Para a gente, perder isso? Algo que foi conquistado, seria uma perda muito grande. Ainda que tenha só o atendimento à saúde e tem educação também. Que é muita coisa, não é? Que para a gente é muita coisa que precisa. E foi com muita luta que eles conseguiram. Para ter o reconhecimento, manter a associação até hoje, que não é uma tarefa muito fácil. E quando foi, quando entrou Nalva, que a gente estava quase sem o nosso box. Porque a associação é um box, minúsculo. E que a comunidade foi urbanizada. Já tem o que? Dez anos que a comunidade foi urbanizada. E daí a gente ia ficar sem o nosso box. Aí eu entrei como secretária na associação e Ivone era só da comunidade, que só fazia parte da comunidade mesmo. E não, a gente não pode perder a associação. Porque se a gente perde a associação, como que a gente vai dar continuidade às coisas? A Clarice precisa entrar, tem que ser você. Eu falei "mas gente, não dá, eu não sei mexer com associação, tem muita dívida, muita conta, o povo. Gente, eu não vou dar conta de entrar". Mas, por conta que a gente ia ficar sem o box, porque a prefeitura, na época, era um box maior e depois deram um menor, aí então a alternativa que eles deram para a gente foi: ou vocês pegam esse, ou vocês ficam sem. Então não deu alternativa, não é? É isso ou é isso. Então a gente pegou um box, tem embaixo e em cima. Em cima a gente guarda as nossas vestimentas, os Praiás, as coisas mais importantes que a gente, para não ficar muito visível embaixo, a gente deixa lá. E daí eu entrei. Quando eu entrei na associação, eu entrei porque eu sou formada pela PUC. Então eu pensei, é um modo de retribuir, uma devolutiva, porque foi por conta da associação também. Vou fazer alguma coisa, pelo povo, para que pelo menos a educação. O que eu puder fazer, para ajudar outros parentes, para poder estarem ingressando também na universidade, ter esse acesso, ter acesso à informação", que tem muitos que não têm acesso à informação. Então, o que eu puder fazer, eu vou fazer. E isso foi uma das coisas que, assim, eu pensei. E veio a pandemia. Com a pandemia fechou tudo, parou tudo. Eu falei "pronto". E o que é que a gente vai pensar, vamos fazer o que? Daí o pessoal começou a fazer vários grupos de WhatsApp para ajudar as comunidades. Eu falei "bom, já que muitas coisas pararam, mudaram e nesse período muitas famílias ficaram desempregadas" - eu falei - "então eu vou entrar nesses grupos para tentar ajudar a comunidade, a quem precisa e tal". E entrei nesses grupos, só para me estressar. Porque o povo só queria ajudar o povo das aldeias. E tinha o pessoal da FUNAI, secretaria, todo mundo. E daí eu falei que nós tínhamos 180 famílias no Real Parque, que tinha algumas famílias que estavam precisando de ajuda, porque precisava, porque estavam desempregadas, outras moravam de aluguel. E mandaram eu ir ao banco de alimentos. E para mim pronto, foi o mesmo de dar uma facada. Eu fui lá, briguei mais todo mundo no grupo e saí do grupo. Porque esse olhar eu sempre vou sentir. Que indígena que mora na aldeia, o pessoal tem um olhar diferenciado do indígena que vive no contexto urbano. E em todas as reuniões eu sempre falava "o indígena que vive em comunidade, ele não precisa de um

cobertor? O indígena que mora dentro de uma comunidade, ele também não sente frio? O indígena que mora dentro de uma comunidade, ele não veste?". Ainda que a gente tenha outro tipo de necessidade, isso não significa que a gente não precise também do apoio, seja do governo, seja de qualquer coisa. A gente vai ter quem precise. Eu moro em um apartamento. Mas há indígena que mora em um barraco, no Panorama, até hoje, de madeira, que está caindo aos pedaços. Então, muitas vezes, olha para os Pankararu, dentro da comunidade do Real Parque? "Mora nos predinhos, mora nos predinhos". Mas e o tanto de conta que a pessoa tem que pagar ali também? Mas tirando essa parte, que a gente tem um monte de conta para pagar. 'E as 60, 50 famílias que moram lá no Panorama? Que não têm saneamento básico? Que a maioria dos barracos é toda de madeira? Que não têm boas condições? Que muitos não veem essa realidade também, que é a mesma realidade da aldeia, que nem todos os barracos, todas as casinhas deles também não são de bloco também. E que a gente vive outra realidade. E o que muitas vezes eu passo para os nossos parentes, dentro da reunião, porque muito leva a sua luta. Mas cada um de nós tem a nossa luta, dentro do nosso território. Eu perdi uma foto que, quando foi esse ano, em maio, o nosso médico, o doutor Marcos, foi mandado embora, foi demitido. Porque era um médico prestativo. Era um médico que entendia a comunidade, era um médico que estava ali para ajudar a comunidade. Era um médico que já participou dos nossos rituais. Que sabia, que sabe que a gente tinha, que alguns precisam passar por esse processo de cura, de espiritualidade. Que sabia que tinha que passar com ele, mas tinha que passar pela reza também. E ele entendia isso, e ele foi mandado embora. E a gente ficou dois meses em protesto, fazendo protesto na ESPDM. A gente foi na reunião com o superintendente, reunião com todo mundo da ESPDM a gente teve. Para tentar trazer o doutor Marcos de volta e a gente não conseguiu. E teve um dia que Ivone foi para um protesto, que a comunidade, ninguém foi, nesse dia ela foi sozinha. Ela e Leda. Que às vezes eu dou risada, mas quando ela me mandou a foto, foi assim, eu fiquei muito triste, ao mesmo tempo eu ficava triste. Porque ela estava sozinha na câmara municipal, em frente a secretaria de saúde, era alguma coisa assim, com uma faixa, só ela e Leda, uma do lado da outra. E então eu não aceito que ninguém venha falar que eu não vou para a TL. Eu não aceito que ninguém venha falar que a gente não tem luta. Porque só quem vive dentro do seu território sabe o que passa. Eu sou liderança mulher lá dentro do território e eu sei o que é que eu já passei. De não querer sair de dentro de casa, por medo, por conta de uma cesta básica. Por que só os Pankararu? Por que só vocês têm privilégio? Será que a gente tem privilégio? Ou por que o outro não pode fazer o mesmo? Porque se eu tenho uma associação dentro de uma comunidade, por que não ter outra associação para a comunidade, também? E você ter medo de sair por conta das pessoas te tratarem como lixo. Te tratar com falta de respeito. Porque você não atende toda a comunidade. Que não é um dever nosso, é dever do Estado. E cabe a gente cobrar do Estado, da prefeitura, seja lá de quem for, a gente cobrar. Não vai ser Clarice que vai mudar a comunidade. Mas a comunidade que tem que se fortalecer e procurar tudo isso. Então, eu não aceito que nenhuma outra, nenhum outro povo fale. Muitas vezes eu nem quero estar naquele lugar, mas eu vou, porque eu não aceito que ninguém fale por mim. Porque eu sei da minha dor. Eu sei o que é que eu passo lá. Eu sei o que é passar na rua e olhar só para a frente, porque eu não quero olhar para o lado, porque pode ser que a pessoa nem esteja olhando para mim. Mas pelo processo que eu já passei, eu acho que as pessoas estão olhando, então eu quero só olhar para a frente. Então eu sei onde o sapato aperta.

MUSEU: Eu queria só entender, assim, pedir para você contextualizar a comunidade lá do Real Parque. Porque, pelo que eu percebi, existe então uma tensão da comunidade com a associação. E aí eu queria entender como que isso surge a comunidade? Como que surge essa presença indígena lá? Como que vai se formando a própria comunidade?

CLARICE: Então, a comunidade, como eu falei, tem 9, de 8 a 9 mil pessoas. Então, ali tem de toda cultura. Eu acho, como a gente tem uma associação e, querendo ou não, hoje, não só hoje, mas que desde a época de Seu Bino, que a gente vem se fortalecendo dentro da comunidade, dizer "olha, a gente está aqui, a gente é do povo Pankararu. E a gente está aqui e a gente vai manter os nossos rituais aqui dentro. A gente vai botar o nosso Praiá para dançar, aqui dentro, independentemente de estar na aldeia ou não". Então, isso gera conflito sim com a comunidade. Eu lembro que uma vez eu estava na associação e chegou uma pessoa e disse "está errado, isso que vocês fazem está errado, porque vocês moram aqui também". Então era para a gente fazer por todo mundo. Mas eu volto a dizer, a gente não tem como fazer por todo mundo. Porque ainda que a gente procure a secretaria e fale "olha, a gente mora em uma comunidade, são tantas pessoas, são tantas famílias". O próprio Estado não quer atender. A gente vai atender a vocês, porque vocês são indígenas e pronto. Essa é a resposta que a gente tem. Aí o que é que acontece? A comunidade que não entende, o povo que não entende, a parte que não entende, aí entra com prioridade, que a gente tem prioridade, por que é que só a gente? E daí aí vem o xingamento. A gente só nunca apanhou, mas de resto, o que o povo já pôde falar tudo a gente já ouviu falar. Mas a associação, a gente não ajuda só os Pankararu. E a casa de recuperação de álcool e drogas? Que a gente ajuda? E as igrejas dentro da comunidade mesmo, que a gente ajuda? Mas a comunidade não vê isso. Eu recebo 300 cestas, eu atendo 200 e poucas famílias, nós deixávamos as cestas, juntávamos de um mês para o outro, para podermos ajudar a todo mundo, de uma certa forma. Mas ninguém vê que eu atendo uma casa de recuperação de álcool e drogas que não tem nenhum Pankararu lá dentro. Mas a gente ajuda. Tem a igreja que é lá do lado, a gente ajuda também. E tem muito assim também. Como a minha tia, mora no Taboão. Eu não mando a cesta só para a minha tia. A gente atende pelo menos umas dez famílias que tem no Taboão que, por sinal, não tem assistência nenhuma. E que muitas vezes foram moradores do Real Parque e que eu não deixei de atender. Agora, achar que a gente tem condições de atender a toda a comunidade? É impossível. Então, quando eu peço doação, ou faço qualquer tipo de inscrição, pela associação, como a gente recebe cesta básica do programa, que é da prefeitura, agora eu não lembro qual era o programa. Mas tem a secretaria do indígena, que separou étnico-racial, aí tem a do negro e tem a do indígena agora. Que foi uma coisa que foi esse ano. Eles estão ali para trabalhar para quem? Para os indígenas. A temática é o que? Indígena. Eles querem fazer um levantamento de quantos indígenas tem no Real Parque. Eu tenho que passar quantos Pankararu tem no Real Parque, ainda que eles saibam que tem. Quantas vezes eu não pedi cesta básica para o pessoal do Real Parque? E eles nunca quiseram dar, porque eles falam que eles têm que procurar não sei quem, não sei o que e assim vai. Então, gera um conflito. Chama a gente de macumbeiro, por causa dos rituais. Os evangélicos, então? São os piores. São os que mais criticam os nossos rituais. Eu ando em uma igreja, que é evangélica. Que o pastor disse que eu não posso dançar a Toré. E eu só disse para ele que isso, além de ser da minha cultura, ainda faz parte do meu trabalho. Então no dia que ele quiser fechar as portas para mim, é só ele fechar, que eu não entro mais. Mas eu não vou deixar de crer e praticar as coisas da minha cultura.

Porque isso é querer tirar, isso é você querer fazer o que foi feito lá atrás, catequisar você.

MUSEU: Clarice e acho também que você está falando em situações de violência, situações de preconceito também, imagino. E eu queria te perguntar sobre preconceitos, sobre esse tipo de dinâmica. E não sei se você saberia distinguir a questão indígena, a questão de serem nordestinos e também serem negros, ou seja, são três e você é mulher, também. Mas se você pudesse um pouco, em quais momentos você percebe isso, sabe? Por exemplo, preconceito contra nordestinos, você lembra de isso aparecer na sua vida? Ou é sempre mais uma questão de indígena, mesmo?

CLARICE: Não. Eu não sei dizer se é. Já teve um momento, de eu estar em um evento e a pessoa dizer que não tem indígena em Pernambuco. Já teve momento, Pernambuco não tem indígena. É claro que tem, eu estou aqui, tem. E da pessoa dizer "é todo mundo indígena aqui, todo mundo é índio", que usava muito esse termo, índio. Mas por que é que é todo mundo vestido? Mas senhora, a pessoa tem que ter paciência e educação. Mas senhora, a senhora já imaginou todo mundo pelado aqui, que confusão que seria? É mesmo. É, é, é isso. Mas por ser de Pernambuco, não. Não. Mas por ser indígena e não ter o estereótipo, sim. Que às vezes eu falo, para mim é mais fácil dizer que eu sou negra, porque todo mundo está vendo que eu sou negra e pronto. E daí, é a visão deles e eu passo ali, pronto. Mas eu nunca sofri preconceito por cor, não assim que a pessoa. Mas no Revelando São Paulo, aquele, teve um rapaz, eu passei por uma situação, que eu acho que se ele pudesse pular em cima de mim, ele tinha pulado. Porque a mulher dele achou, eu faço colar. Não esse aqui, mas eu faço colar, para vender nas feiras. E ele, a mulher dele falou que era muito caro. E eu só falei que, se ela não quer pagar pelo valor, não precisava pagar. Só que não pode também ficar colocando o valor na mercadoria dos outros. E ele achou ruim. E ele falou e disse "é só não levar, não é?". Mas ele estava com uma cara, assim, uma cara de nojo? Uma cara de ódio por estar ali naquela parte, que era só indígena? Que você vê que a pessoa, não é pelo colar. Parece que é por conta de você, mesmo. E ele começou a dizer um monte de coisas e eu respondia também. E não tinha segurança nenhuma, até poderia apanhar do homem. E naquele mesmo dia, ou foi na mesma, que foi uma semana, um parente nosso, chegou um menino, com uma mãe. E ele estava com toda a vestimenta, à caráter, tudo. E ele é Pankararu também. E o menino olhou para ele e falou "quando você crescer, eu vou te matar". Não, "quando eu crescer" - ao contrário - "quando eu crescer, eu vou te matar". Desse jeito. E a mãe ficou só olhando, pela boa educação do filho, ficou só olhando. E não falou nada. E o meu parente ficou calado também. Então assim, a gente passa sim por várias situações de preconceito mesmo, de racismo, de agressão com a gente. Hoje que eu ando assim, mas eu não andava, não queria, não gostava de andar com nada de acessório. Hoje, se for para eu ir embora de ônibus eu vou, de metrô e saio e vou-me embora e pronto. Mas eu não gostava de andar, até dentro da minha casa, eu não queria andar com acessório. Hoje eu não coloquei um brinquinho, porque a orelha está meio machucada, mas ontem, quando eu saí, já saí com os meus brincos, o meu colar, com uma pulseira. E fui. E hoje eu botei só esse aqui. Mas eu não queria, por conta do olhar das pessoas, eu prefiro não. Para não ter que chegar em casa estressada, porque passei por um preconceito no meio da rua, então eu prefiro sair o mais simples possível, sem nada, para não ter que.

MUSEU: Eu tenho uma pergunta: você é mãe, não é? Mãe, criando então o seu filho, Pankararu, em um contexto urbano. Como é que você tem lidado com isso? Como é que você tem ensinado para ele? Como é que está? O que você tem passado para ele nesse sentido, assim?

CLARICE: Olha, são duas criaturinhas difíceis.

MUSEU: São duas?

CLARICE: É. Quero dizer, que tem o João, que tem dez anos. E tem a Giovana, que tem três anos. Que são totalmente o oposto. O João não gosta de Praiá, o João não gosta de estar em lugar nenhum comigo. Já a Giovana que, tem três anos, quando eu saio para algum lugar, que às vezes eu não a levo, porque ela passa muito mal dentro do carro e tudo, e aí eu acabo deixando, deixando em casa. Ela fala "você vai para os Praiás?". E quando eu não levo, ela fala que está com raiva, porque eu não a levei para dançar a Toré. Então ela gosta, ela tinha um ano, a gente fez uma apresentação lá no centro da cidade. Ela viu o Praiá pela primeira vez, ela tinha um ano. E ela já falava. Com 11 meses, essa menina já falava, já andava. E dá até medo. 11 meses? Como é que pode uma pessoa? E ela olhou para mim, olhou para o Praiá, eu falei "pronto, ela vai ficar com medo", porque ela nunca viu um Praiá na vida dela, foi a primeira vez. E ela pequenininha disse "mãe, que lindo?". Enquanto isso, o João não gosta de fumaça, não gosta. Então o João, quando ele era pequenininho, ele precisou fazer uma cirurgia no estômago. E daí eu fiz a promessa que, se ele ficasse bom, eu ia colocar ele no Rancho. Que é o Menino do Rancho, que acontece o ritual, que é uma promessa. E todo o ano, quando eu falo que vou para a aldeia, a minha cunhada pergunta "você vai colocar João no Rancho?". E eu falo assim "mulher, João precisa primeiro entender o porquê que ele vai para o Rancho, qual a importância desse ritual. E eu preciso que ele cresça mais um pouco". Porque ele tem dez anos, mas às vezes ele tem a mentalidade ainda de, sei lá, de cinco anos, porque ele briga com a de três. Então ele é muito criança. E eu preciso que ele entenda e respeite a nossa cultura, que é dele também. E eu não quero que ele vá para o ritual, para eu passar a ter dois dias de estresse com ele, porque ele, primeiro que é um ritual que usa só o short e usa duas coisas, assim, do lado e você fica sem blusa. Ele não gosta de ficar pelado. Por conta da cirurgia que ele fez, ele tem vergonha. E ele é gordinho, ele tem vergonha, ele não gosta de andar sem roupa. Então, com ele, eu percebo que vai ser todo um processo. Ainda que ele sabe que a gente é Pankararu. Ele, em casa, tem o Praiazinho, tem os artesanatos, tem maracá. E tem a, esses dias eu estava brigando com os meninos da associação, reclamando. Eles "cadê as gaitas do Praiá?" que não sei o que. Eu falei "quem é que dança nos Praiás? Não são vocês? Cadê os maracás? Vocês se organizam", que não sei o que lá. Aí, em casa tinha três gaitas, que são tipo uma flauta. Só que nela, só tem um buraco. E a flauta tem vários. E daí, que eu acho que na fotinho não dá para ver a gaita, dá não. E daí, a Giovana achou a gaita. E o Aritano fez um vídeo dela tocando a gaita, no Tik Tok. E a gente está lá no evento e os meninos brigando comigo "olha aqui onde está a gaita, está vendo?". E tem uns quatro, cinco ou seis anos que eu tenho essa gaita em casa. E o João nunca pegou, nunca. E ela sai mexendo em tudo, ela quer, minha tia se senta para fumar no cachimbo? E ela fica atrás da fumaça. E o João corre da fumaça. Então eu sinto que eu vou ter um trabalho com o João ali, em relação à nossa cultura, de falar da importância mesmo, do ritual, para ele poder participar. Então eu falo "não, deixe ele crescer, que a gente tem essa conversa, porque por enquanto, a conversa não está sendo muito boa". E já a outra, eu

sinto que eu não vou ter tanto trabalho, porque o trabalho é porque ela passa mal, mas de resto ela gosta muito, pega colar, usa tiara, dança a Toré com a gente, quando está junto. E assim vai. Mas o João tem essa. Mas é porque o pai dele é assim. O pai dele é Pankararu, mas é um Pankararu também que não vive nos rituais, que não anda comigo nas apresentações, para lugar nenhum. Fica em casa, é o pai que fica em casa com as crianças. Eu acho que ele puxa um pouquinho a ele, assim. Que é do povo mais que não pratica os rituais, não pratica nada da cultura. É esse.

MUSEU: Você dá uma cobrada ou não? Você acha que cada um tem o seu?

CLARICE: Eu não cobro, porque cada um tem as suas frustrações. O que eu falo para ele é assim, que no mundo, a minha avó me ensinou, que no mundo, você não pode viver sem ter fé em alguma coisa. Que você tenha fé, ainda que seja em um pedaço de pau. Mas você tem que ter fé em alguma coisa. E eu falo isso sempre para ele. Se você não acredita nos encantados? Tudo bem. Mas você tem que crer pelo menos em Deus. Se você não crê em Deus, então creia nesse copo que está aqui do seu lado, pronto. Não dá para viver no mundo sem fé, você tem que ter fé em alguma coisa. Tanto que ele fala assim "eu não estou bem, pede aí a Deus para não sei o que". Não, lógico, está errado. Não sou eu quem tem que pedir, é você que tem que pedir. É você que tem que sentir. Mas é porque ele já passou por muitas coisa também, na vida dele, que eu também falo para ele "não é porque você já teve perdas na sua família, que você vai botar a culpa em Deus, ou a culpa é dos encantados, porque não avisaram que aquilo ia acontecer. Quando a gente vem para esse mundo, a gente já tem o tempo certo de ficar aqui nesse mundo. Hoje você está aqui, mas você pode levar uma topada ali. Você levou uma queda de moto esses dias, que ele levou uma queda de moto na Marginal e saiu derrapando, e na hora não veio carro, não veio nada. E ele não sofreu nenhuma lesão, só ficou com o braço doendo. E eu falei para ele "Deus te deu o livramento naquele dia e amanhã você pode levar uma topada e morrer, pronto. Nesse dia que você levou a topada, era o dia que você tinha que morrer. E no dia que você caiu de moto, parou todo o trânsito, não aconteceu nada com você". Então você tem que crer em alguma coisa, mas é no tempo dele, tem que respeitar.

MUSEU: Ele também cresceu na aldeia? Ou passou mais tempo na cidade?

CLARICE: Ele passou mais tempo na aldeia. Ele nasceu na aldeia, cresceu lá, ele já veio para cá em 2009. Foi quando ele veio passear, a gente tem a mesma idade. Ele fez 24 agora? 24, ai, ai.

MUSEU Novo?

CLARICE: 30, fez 34 agora, ele tem 34. E eu também tenho 34, só que eu sou de janeiro e tem essa coisa, que eu sou mais velha do que ele porque eu completo ano primeiro.

MUSEU: Eu sou um ano mais velho que você.

CLARICE: Eu vou fazer 35. 36.

MUSEU: Você poderia explicar a camiseta? E também o colar? Por favor? A gente está gravando, acho que é legal ter.

CLARICE: Ok.

MUSEU: De onde vem, qual a ideia?

CLARICE: O colar, quem fez foi um parente lá na aldeia, o nome dele é Ricardo. No começo, o pessoal fazia mais só o Praiazinho. Era o colar sem, o Praiá sem o maracá. E aí eles colocaram, o cachimbo está ao contrário, mas seria assim. Quando você vai fumar, você faz assim. São três ferramentas fundamentais para a nossa cultura. Vou falar ferramenta, mas que não são ferramentas, mas são três itens, coisas importantes para nós, que é o nosso Praiá, o nosso cachimbo. Porque aqui você vai fumar, vai se fortalecer. O pessoal usa nos rituais também, de cura. E o maracá, que é para você pode cantar. Por isso que são três coisas importantes, que a gente carrega na gente. Para a gente. Para mim é. Isso não é para todo mundo, mas para mim é. Importante, as três coisas, da nossa cultura. E que também o Praiá é muito forte na nossa cultura. É muito forte, o Praiá. E a minha mãe uso muito o Campiô nos rituais. E quando ela está cantando, sempre tem alguém do lado para ajudar a fumar, que ali, aquela fumaça vai fechar um pouco. Se tiver alguma coisa, alguma energia negativa, para que aquilo não chegue muito próximo. Então, usa muito o Campiô. Minha cunhada fala que o Campiô dela é o psicólogo dela. Que ela fala, que ali nos momentos dela também de tristeza. A minha tia fala a mesma coisa. Que nos momentos de tristeza, de fraqueza, que é um momento também onde a gente vai se conectar com os nossos encantados. E que ela vai fumar, para que tenha mais calma, para ficar mais calma, para ela se fortalecer naquele momento, seja de aflição, ou seja de alegria. Eu não fumo, porque eu tenho asma. Então não combina asma com fumaça. Só participo dos rituais, mas eu não fumo. Mas se precisar ajudar também e se precisar dar uma fumadinha, eu fumo. Não muito, mas eu não fumo por conta disso. Se estiver precisando balançar o maracá eu também ajudo. Porque eu acho que a música só combina também com barulho. Acho que são três coisas. E a blusa, é a mesma coisa, que é o Praiá. Esse Praiá, a foto é daqui mesmo. Esse Praiá? É, daqui. Porque ainda que a gente seja um povo só, mas eu procuro usar o que a gente tem aqui. Se eu tiver só um Praiá e tiver que tirar foto de um Praiá para usar, eu vou usar só essa, porque eu sei que é nosso Praiá e que futuramente eu não vou ter problema nenhum. Que é diferente da pedra, que é a cara do índio, que é dentro da aldeia, que todo mundo tira foto, quando está lá. E eles falam que é a cara do índio isso aqui.

MUSEU: Isso é uma pedra?

CLARICE: É uma pedra, bem alta, que tem lá. E que eu acho bonito os meninos falando, quando eles vão tirar foto dessa pedra, que é bem alta, é dentro da aldeia. A aldeia, ela é como se fosse um buraco. É um círculo, assim, ao redor cheio de serras, de montanhas. E a aldeia fica dentro. E daí, os meninos às vezes fazem uns vídeos, assim, lá na aldeia? E eu dou muita risada, que eles falam que ninguém vê o trabalho que é para tirar uma foto dessa. Os cliques, ninguém vê. Todo mundo só vê as postagens depois, as postagens, mas ninguém vê. E eles mostram, fazendo as trilhas para chegar até lá, porque é muito difícil fazer. Por isso que eu vou lá e eu nunca vou, porque eu sei que fazer essa trilha é bem difícil.

MUSEU: Pesado?

CLARICE: É.

MUSEU: Clarice, a gente deixa um momento final, para você fazer as suas considerações finais. Principalmente sobre o que é que é para você o deslocamento indígena, a migração. Você já falou que, para você, a migração não é uma coisa que você quis. Mas pensar nessa questão e em outras questões, o que você quiser trazer agora no final. Por favor.

CLARICE: Bom, agora, nas minhas considerações finais, eu só queria mesmo agradecer a vocês, por estar aqui, por dividir um pouquinho da minha história, do meu processo migratório. Ainda que, naquele momento, por ser uma criança ainda, uma adolescente de 15 anos, não tinha ideia de como que seria a minha vinda para cá. Não era algo que eu queria, mas foi algo pensado pela minha mãe. Por isso que eu falo, que eu não vim porque eu quis, me trouxeram para cá. E ter passado, ter vivido tudo o que eu vivi. Mas eu queria agradecer mesmo o espaço, porque eu acho que a gente tem que contar as nossas histórias. A gente não pode deixar, ainda que os nossos mais velhos, os nossos avós, as histórias sejam passadas de forma oral. Mas se a gente puder também registrar a nossa história e deixar. Porque muitas vezes a gente tem encontrado no Real Parque, por conta das nossas histórias que são contadas e são gravadas. Então, quando eu recebi o convite, eu falei sim. Ainda nem que eu soubesse o que eu vinha fazer aqui, mas eu falei sim. Eu falei "eu não vou saber digitar, fazer esse trabalho. Mas eu vou dizer sim. A não ser que eles desistam de mim. Porque se eles desistirem, eu não vou". Porque para mim é importante ocupar todos os espaços. Eu não tenho que estar só na aldeia. Eu tenho que estar onde a gente quiser estar. A gente tem que ocupar todos os espaços que são permitidos que a gente ocupe. E que a gente possa contar as nossas histórias, quem somos nós, de onde viemos? E por que viemos? E por que estamos aqui até hoje? E é isso, obrigada.

MUSEU: Muito obrigado.